

40 14828¹⁴

CADERNOS DA «SEARA NOVA»

80
ESTUDOS POLÍTICOS E SOCIAIS

O Destino
do
Proletariado intelectual

POR

EMÍLIO COSTA

LISBOA
«SEARA NOVA»
1935



de 14
14828

O DESTINO
DO PROLETARIADO INTELECTUAL

15
85247

DEP. LEG.

CADERNOS DA «SEARA NOVA»

ESTUDOS POLÍTICOS E SOCIAIS



de
14828¹⁴

R. 127422

O Destino
do
Proletariado intelectual

POR

EMÍLIO COSTA

LISBOA
«SEARA NOVA»
1935



Um dos fenómenos mais interessantes, que é dado observar a quem se preocupa com a ligação entre a instrução e a vida social, é o que se contém nesta expressão, que já se tornou vulgar: *proletariado intelectual*.

A expressão, mal empregada, vem da distinção estabelecida entre manuais e intelectuais, distinção que subsiste e há-de certamente continuar por muito tempo ainda, tão enraizado está o preconceito que a originou, apesar dos numerosos estudos e divulgações a dizerem-nos a falsidade da expressão, a mostrarem como a palavra *intelectual* anda ligada uma idea falsa. Ainda que erradamente empregada, tôda a gente entende o que o termo *intelectual* significa, ligado ao termo *proletariado*.

¿ Que entendemos todos nós, quando se fala em *proletariado intelectual*? Entendemos a massa dos individuos saídos das escolas superiores, liceus, escolas técnicas e artísticas, sem ocupação ou reduzidos a ocupações de categoria e proventos inferiores.

É curioso notar que estas duas palavras: proletariado intelectual, traduzem um mal, uma ferida, uma infelicidade. Quando se diz: o proletariado, sem mais nada, entende-se a massa dos individuos que ganham o pão, dia a dia, em officios, em profissões manuais, equivalendo, nestas condições, ao termo operariado. É uma palavra que designa, a um tempo, uma classe social e um género de trabalho. Se dissermos proletariado manual, já estabelecemos a idea de separação, a de que há outro proletariado, que não é o manual. Mas a estas duas palavras juntas, já não anda ligada a noção ou melhor, a impressão de infelicidade, de desastre social, que se liga à expressão: proletariado intelectual.

¿Onde está então a infelicidade que estes dois termos contêm? Não está em nenhum dos dois, tomados isoladamente, como fácilmente se pode verificar. Está na união dos dois, significando como que uma contradição dolorosa ou mesmo injusta. As duas palavras juntas significam um mal social, uma grave questão a resolver, uma doença que é preciso curar. ¿Que quer isto dizer, senão que se entende não ser ou não dever ser o intelectual, um proletário? ¿Se assim não é, porque não se liga às palavras: proletariado manual, (que nunca se empregam juntas, na linguagem corrente) a mesma idea de contradição dolorosa, de doença a curar, de problema grave a resolver?

Evidentemente porque se entende que *manual*

está muito bem, junto a proletário; que ser proletário é a condição própria do manual, fazendo parte do equilíbrio que uma sociedade bem organizada necessita de manter, isto é, uma sociedade onde há gente superior e gente inferior. Manual é o inferior, como profissão; e proletário é o inferior, como proventos. Não se contradizem, não se chocam, não brigam estes dois termos. Pelo contrário, intelectual, sendo superior, não pode andar ligado com proletário, que é inferior. Um intelectual proletário, é como se disséssemos um superior — inferior, o que é chocante, contraditório, traduzindo desequilíbrio. Por tudo isto, é que o facto de haver uma massa de indivíduos saídos das escolas científicas e literárias, sem ocupação ou reduzidos a proventos inferiores e sem garantia, originou a expressão: proletariado intelectual, contendo um grave problema, dentro da sociedade.

Há muitos anos que o mal dura. Há muitos anos que se ouve dizer que há doutores, bachareis a mais, constituindo um pêso morto para a sociedade. Não é de hoje nem de ontem que se vêem homens, formados pelas escolas superiores, obrigados a ganhar a vida com misteres mal remunerados e mais próprios dos trabalhadores chamados manuais. Há muitos anos que o facto se dá e há outro tanto tempo que êle é apontado como uma chaga que urge sarar; mas também nunca se viu chaga que mais implacavelmente alastre, zombando das aflições de uns e dos esforços dos ou-

tros em lhe deter a marcha. Produz-se assim o fenómeno curioso de vermos, de dia para dia, aumentar o número das lamentações e dos arrependimentos, paralelamente ao número de diplomados de tôda a espécie e principalmente de aspirantes a diplomados.

Esta marcha do mal acelerou-se extraordinariamente nos últimos doze ou quinze anos, estendendo-se o problema ao sexo feminino, que, até há pouco, estivera alheio, pelo menos directamente, às dificuldades e angústias que êle comporta. A questão tomou tais proporções que se nota, como consequência natural, a renúcia a resolvê-la, comportando-nos todos, perante ela, como se se tratasse de nos opômos à chuva ou às trovoadas.

Disse eu: « o número, sempre crescente, de diplomados e de aspirantes a diplomados ». É que, para bem analisarmos o fenómeno e estudarmos o problema, temos que estabelecer a distinção entre os que freqüentam escolas e terminam os respectivos cursos e aqueles que as frequentam, ficando pelo caminho, sem chegarem ao fim. Ordinariamente não se estabelece esta distinção, nos comentários e nas lamentações que se produzem, o que origina, pela confusão, um êrro de apreciação quanto ao mal que existe ou se pretende que existe, no fenómeno, cada vez mais acentuado, do proletariado intelectual.

Entre os freqüentadores de cursos literários ou

científicos, há um certo número, não grande mas apreciável, que não têm, como fim principal, tirar o curso que frequenta, para fazer dêle um uso profissional, mas simplesmente para adquirirem uma cultura, cuja especialização se harmoniza com as suas tendências ou com a origem dos bens de que disfrutam, pois são, em regra, indivíduos abastados. O curso que, nestas condições, se tira, ou a parte que dêle se consegue, é encarado como uma prenda, um adôrno, um complemento que já se julga necessário a uma pessoa de elevada categoria social, ou como auxílio para possíveis necessidades futuras.

Com a instabilidade da vida económica, em que a perda de fortunas — mesmo das que mais sólidas, mais estáveis pareciam, tendo atravessado indêmnas algumas gerações — se tornou caso corrente, estas necessidades tornam-se de ano para ano mais frequentes, contribuindo assim para a legião do proletariado intelectual.

Vemos portanto que, duma maneira ou de outra, o proletariado intelectual é constituído pela maioria dos que frequentaram um curso e não o concluíram ou tendo-o concluído, não puderam tirar do exercício da respectiva profissão, os resultados que esperavam e a abandonam ou vivem dela pobremente.

Para combater o mal que tantos vêem no proletariado intelectual, tem-se recorrido empiricamente a medidas de restrição, destinadas a diminuir o número dos estudantes das escolas superiores.

Em todos os países, o que se tem feito ou projectado, nada mais tem sido do que paliativos que nada resolvem e só descontentam, porque a restrição vai sempre ferir alguém, sendo frequentemente uma fonte de injustiças. Nunca a solução pela restrição, seja qual fôr a maneira de a fazer, significa que sejam os menos capazes, aqueles que ficam de fora. Sempre beneficiam, directa ou indirectamente, os mais ricos, os mais protegidos, sendo a competência beneficiada, só quando coincidem, no mesmo indivíduo, o valor e a influência ou o dinheiro de que se dispõe.

As restrições à frequência dos cursos superiores, em nada affectam a afluência, porque ninguém deixa de pretender frequentá-los, só não o fazendo quando em absoluto faltam os recursos ou o auxilio alheio. Tudo o que se tem feito é inútil, porque se tem combatido um fenómeno sem lhe determinar a causa. Estudando-se a causa d'este fenómeno, vê-se que de nada podem servir restrições, e que elle, longe de constituir uma doença, é apenas um fenómeno natural, consequência necessária da evolução social que se tem operado, e em vez de ser combatido, deve ser aproveitado.

*

Não é preciso recuarmos muitos anos para encontrarmos o tempo em que os pais proíbiam, às filhas, aprenderem a escrever. Quando muito, consentiam que elas aprendessem a ler, para po-

derem servir-se do livro da missa; escrever, não, por causa das missivas amorosas, precaução, escusado é dizer, que nunca as livrou dos perigos que os pais julgavam assim afastar. Mais moderadamente, não era raro verem-se senhoras (conheci algumas) de chapéu e vestido de sêda, incapazes de escrever o seu nome ou de ler uma linha. Quanto ao analfabetismo em que, no nosso país, vivem mergulhadas as massas populares, todos sabemos o que isso é, quanto mais não seja, pelas palavras e projectos com que é combatido, há muitos anos, por todos que, a qualquer título, pretendem acabar com êle.

A esta relutância pela cultura, pela instrução, seja qual fôr o seu grau, anda estreitamente ligada a idea da sua inutilidade ou dos seus inconvenientes. A da inutilidade ainda, de vez em quando, se manifesta, nos comentários amargos que acompanham comparações, que se fazem, de gente instruída, sem vintém, com gente analfabeta ou pouco menos, a nadar em dinheiro. Mas isso é raro e só se produz como desabafo, sem convicção alguma, nunca a sangue frio. Pode considerar-se morta, pelos menos moribunda, essa idea da inutilidade do saber, para bem ganhar a vida.

Tem tido mais resistência a da sua nocividade, quando o saber se traduz num diploma de qualquer grau de ensino. No entanto, ela enfraquece constantemente, mas muito devagar, só nos apercebendo disso, quando examinamos bem a ques-

tão. A idea da nocividade do saber confunde-se com a do diploma, do qual se esperava o triunfo na vida e apenas foi uma fonte de amargas desilusões. O diploma tem sofrido sempre os mais cerrados ataques, porque têm sido sempre numerosos aqueles que lhe têm sofrido as desilusões. Mas como, a-pesar-de tudo, os que com êle se têm dado bem, são mais numerosos, o diploma, o curso, o exame, são cada vez mais procurados. Se assim não fôsse, o fenómeno contrário é que se produziria, porque o interêsse dos individuos é que, fundamentalmente, regula a sua conduta. Mas não é só o interêsse material a causa dêste fenómeno; contribue — e cada vez mais fortemente — para êle se produzir, a elevação geral do nível mental. Cada vez menos se admite a ignorância, ninguém se atrevendo já a afirmar, como ainda não há muitos anos se ouvia, que não são mais infelizes os analfabetos, fundando-se nessa felicidade, pessoas importantes que assim falavam, para, em mais de um país, entenderem não se dever violar a liberdade de cada um, com o ensino primário obrigatório. Simplesmente, não consta que essas pessoas, de elevada categoria social e pecuniária, tivessem deixado um só filho analfabeto. As boas cousas do analfabetismo e o respeito pela liberdade individual, eram só para os pobres, para os de condição humilde, cuja existência se considera suficiente e alegremente preenchida, com o trabalho quotidiano e os recursos da pequena fêria semanal.

Num interessante estudo, publicado pelos *Cahiers Rationalistes*, o professor Ch. Maurain, da Faculdade de Ciências de Paris, diz-nos, sôbre esta questão, o seguinte, que vale a pena transcrever, porque são palavras que, com ligeiras alterações, se áplicam a todos os países :

« Paralelamente ao desenvolvimento do ensino primário em França, foi aumentando o número dos franceses munidos do certificado de estudos primários. É provável que êste acréscimo tenha sido objecto, em certa época, de preocupações, talvez porque se entendia que as carreiras a que dava acesso êsse certificado, não ofereciam suficientes garantias para a colocação do número, sempre crescente, dos diplomados. Actualmente, em todo o caso, não creio que existam difficuldades graves a êste respeito. Verifica-se que há um muito grande número de franceses, que possuem êsse certificado e mais nada. Isso confere-lhes uma espécie de recomendação, na vida, relativamente aos franceses que o não possuem, o que é, afinal de contas, legítimo. Pode-se, pouco mais ou menos, dizer o mesmo do ensino secundário, tendo-se em conta que o desenvolvimento dêste ensino é, no conjunto, mais recente que o do ensino primário. Como succede com o certificado de estudos primários, mas num plano diferente, o dos secundários é uma espécie de indicação e de recomendação, às quais cada um tem a liberdade de atribuir a importância que quiser.

Parece-me que esta maneira de ver, admitida implicitamente, em nossos dias, para o ensino primário e, numa certa medida, para os diplomas secundários, deve aparecer e aparecerá, no futuro, para os diplomas do ensino superior. Êstes diplomas, de letras ou de ciências, devem ser igualmente apenas uma indicação, uma sanção e não um documento que dê direito a uma determinada situação. Penso que é conveniente que nos habitemos à idea de que nem todos os que frequentam os anfiteatros e laboratórios das faculdades, estão destinadas a transitar necessariamente de lá, para emprêgos determinados ».

Sôbre os perigos que se diz andarem ligados à instrução aumentada e espalhada entre o povo, diz-nos o seguinte :

« Muita gente há que receia que, espalhando-se a instrução, aumentando as possibilidades de elevação na escala social, se faça, dessa maneira, obra contrária à felicidade dos beneficiados por essas disposições liberais e democráticas e à melhoria das condições da vida social, creando-se assim muitos descontentes com a sua sorte, infelizes e mais nocivos do que úteis à sociedade. »

Não pertencendo ao número dos que receiam aqueles perigos, o professor Maurain, depois de se desculpar de uma parte do seu optimismo vir talvez do seu feliz caso pessoal, diz : « Tenho conhecido pessoas de variadas profissões e condições ; as que, no conjunto, me têm parecido le-

var a existência mais agradável e estarem mais satisfeitas com a sua sorte, são aquelas cujo espírito era mais aberto às cousas do mundo. A-pesar-de tudo, segundo a minha experiência pessoal e as minhas observações, a instrução aparece-me como um acréscimo de interêsse pela vida.

Penso pois que o aumento do número de pessoas instruídas e dos diplomados, deve ser considerado como uma cousa desejável, não comportando, normalmente, nenhum perigo.»

O professor Morain não desconhece a existência de numerosos diplomados, que se vêem a braços com enormes dificuldades e quantas vezes com a miséria, por falta de aplicação remuneradora daquilo que consta do seu diploma. Para êsse aspecto da questão, indica os meios que entende para minorar o mal, o qual, como todos sabemos, se agravou extraordinariamente, de há meia dúzia de anos para cá, com a pavorosa crise económica mundial, que começou nos Estados-Unidos da América do Norte. Mas esta crise, que encheu o mundo de muitos milhões de desempregados, não atingiu apenas os intellectuais diplomados; atingiu tôda a espécie de individuos, diplomados ou não, intellectuais ou manuais. É por isso que, com muita razão, o professor Morain, disse ser desejável o aumento do número de pessoas instruídas e de diplomados, *normalmente*. A crise actual, por mais vasta e trágica que se apresente, não deixa de ser uma crise, como tantas tem ha-

vido, com aspectos diferentes, segundo o estado de civilização, de vida social dos povos, e que terá o seu fim, mais ou menos próximo.

O engrossamento do proletariado intelectual tem sido constante, acelerando-se e principalmente estendendo-se a pessoas e a classes da sociedade que nunca julgaram ser incluídas na grande legião. Êste fenómeno foi provocado pela grande guerra, com a crise económica que se lhe seguiu e depois intensificado pela crise financeira e industrial que começou, como disse, há seis anos, em 1929. Os dirigentes, os governantes, não podendo abrir fábricas e outros estabelecimentos onde se empreguem os milhões dos sem-trabalho da técnica industrial e comercial, começam a fazer ou pretendem fazer o contrário com os estabelecimentos de ensino: fechá-los ou restringir-lhes a concorrência, para deminuir o número de diplomados e conseqüentemente o número dos sem-trabalho com diplomas. Ê o remédio de quem não sabe que fazer e que nada remedeia, porque, se num país se fecham escolas e noutro se restringem as matrículas, e se eliminam assim alguns doutores e bachareis, não se eliminam os individuos, que teimam em viver e para viver, teimam em comer, em se vestir e abrigar-se em casas. Como a crise actual, longe de atingir só os doutores e os bachareis, afecta tôda a outra espécie de trabalhadores, pergunta-se como dão trabalho e garantem a exis-

tência àqueles que, ficando fora das escolas e sem o curso que pretendiam tirar, não devem ser vadios nem mendigos. São mais uns tantos descontentes sem diploma e sem trabalho, que vão juntar-se aos outros, engrossando o exército dos desocupados, que tanto está afligindo o mundo da economia e da política.

O fenómeno do agravamento das condições de vida da classe média, isto é, dos indivíduos que viviam do exercício duma profissão liberal ou de rendimentos de qualquer natureza, teve portanto, duas fases: a da extensão, a partir de 1918, e a de intensificação, a partir de 1929, sendo esta apenas um súbito agravamento daquela. A mais interessante para o observador é, incontestavelmente, a primeira, a que começou em 1918 e, no fundo, a mais grave, a de mais profundas conseqüências na vida social, porque foi, digamos assim, uma crise de qualidade, ao passo que a segunda, a de 1929, foi apenas de quantidade. Mas como esta afectou mais bruscamente e muito mais intensamente o mundo do trabalho, lançando milhões de seres humanos para o desemprego, para a miséria e para tôdas as conseqüências da miséria e do desequilíbrio moral, dá-se-lhe mais importância. É como o observador, doente ou médico, que desse mais importância à doença que faz sofrer mas pouco grave, do que à doença grave que não causa dor.

A crise que o mundo agora atravessa é uma

consequência da outra e caiu num mundo já desorganizado, constituindo uma brusca aceleração da desorganização que a guerra trouxe. Não constituiu uma novidade, uma modificação no viver de certas classes, uma transformação na concepção da vida, nos seus vários aspectos: economia doméstica, vida familiar, relações sociais, distinção de classes, etc. Tudo isso já estava feito pela outra, a que veio, de facto, lançar a vida colectiva em novos caminhos, que irão dar a profundas transformações.

É todo este fenómeno social que devemos não perder de vista, se queremos compreender o que significa a existência do proletariado intelectual, e descortinar qual o papel que lhe está destinado, na grande transformação porque o mundo está passando e da qual sairá uma estrutura social, que até os mais prudentes se abstêm de prognosticar.

*

Na grande misturada de classes e condições sociais que se revelou, com grande intensidade, a seguir à Grande Guerra, o fenómeno talvez mais curioso que se produziu, foi o de fazer descer a misteres de actividade subalterna, de categoria inferior, pessoas que, pouco antes, se encontravam bem longe de admitir a hipótese de os exercerem. Onde esse fenómeno mais se notou, foi, como era natural, no mundo feminino.

« Viu-se o espectáculo consolador (o que nos faz crer que a humanidade não é, talvez, tão feia como a pintam) de muitas senhoras se lançarem corajosamente ao trabalho, quasi sempre mal remunerado, e quasi sempre de categoria inferior à sua, para tapar os buracos feitos no orçamento doméstico pela carestia, pela deminuição de rendimentos, de pensões, etc. As mais corajosas, ou mais sensatas, as que primeiro se lançaram na vida nova, devem, certamente, ter sofrido alguma cousa, por si próprias e principalmente por parte das outras, das mais tardas em compreender as cousas e se adaptarem às realidades, que não deixariam de não reprovar o acto, a resolução que, aos seus olhos, representava uma quebra de categoria, até de dignidade pessoal. Mas a necessidade, que é lei, foi alastrando, batendo à porta de muitas das mais desdenhosas e renitentes, que, ajudadas pelo exemplo contagioso das pioneiras, abateram orgulho e relutância, ingressando na grande legião da gente que trabalha.

« O que muito ajudou este movimento da emancipação bem entendida, foi começar-se a ver que uma senhora, empregada num escritório, numa companhia, num hospital, numa escola, etc., embora desempenhando funções subalternas, por falta de habilitações apropriadas, não deixava de ser considerada e respeitada pelos colegas de trabalho, e pela gente das suas relações, pois o trabalho remunerado nada lhe fizera perder do que de bom

e atraente possuía. Pelo contrário, valorizavam-se, tornando-se, nos lugares de trabalho, elementos de melhoria na vida de relação, pela sua educação, pelas suas maneiras mais finas, mais correctas, que contagiavam os outros, cuja educação não estava acima das funções. Por outro lado, uma vez acabado o seu trabalho, onde dignamente tinham ganho o seu dia, voltavam à sua condição de senhoras de distinção, evoluindo à vontade no seu meio social, e com a vantagem de o fazerem possuídas de uma satisfação, e mesmo de um orgulho de nova espécie, que desconheciam antes: o de comprarem o que necessitam, e divertirem-se com o dinheiro que ganharam. E, assim como contagiam benêficamente, nos lugares de trabalho, pela sua educação, contagiam benêficamente, no meio social a que pertencem, pelo exemplo do dever cumprido, e que se impõe irresistivelmente ao respeito dos outros: o de ganhar a vida trabalhando.»

Se muitas senhoras, novas ou idosas, se lamentam da necessidade que as obrigou a um modo de vida para o qual não sentiam vocação nem disposição, desempenhando as respectivas funções, constrangidas e, algumas, até envergonhadas, por não poderem desfazer-se dos preconceitos da sua categoria, com a grande maioria delas, não sucede assim. Estas adaptam-se, no fim de pouco tempo; e por sua vez, recebem a influência benéfica do meio de trabalho em que vivem, reconhecendo

quanto errada era a idea que faziam dos sentimentos, dos costumes, da moralidade e da mentalidade dêsse mundo até então, para elas, desconhecido.

Exerce-se, desta forma, uma benéfica influência recíproca, da qual resulta, através das excepções sempre lamentáveis, uma melhoria que, com o tempo, se generaliza cada vez mais, abrangendo um número sempre crescente de indivíduos de tôdas as camadas sociais. Todos vão, pouco a pouco, reconhecendo que, afinal de contas, *os outros* não são tão feios como os pintam, tanto *os debaixo* como *os de cima*. Por êste processo de penetração mútua, é muito enfraquecida uma das maiores causas das dificuldades que na vida se encontram: o preconceito da categoria social.

O que se diz do mundo feminino, aquele em que o fenómeno da *descida* ao mundo do trabalho foi mais impressionante, diz-se dos homens, entre os quais se notaram os mesmos efeitos. Os casos de vária ordem, que se podem opôr a êste movimento e que obscurecem o quadro, em nada o contradizem, nem o fazem deter ou desviar. É uma corrente que está formada pelas profundas modificações produzidas na estrutura da vida económica, a qual já não pode voltar a ser o que era há vinte anos, muito embora ninguém deva ter a pretensão de predizer em que moldes ela virá a fixar-se, para caracterizar, por sua vez, um determinado período histórico. Que não voltamos

para donde viemos, sabemos-lo todos; para onde vamos, ninguém o sabe, cada um julgando, *facile credimus...*, que o mundo irá para onde êle mais deseja.

*

Quando se fala no enfraquecimento do preconceito de categoria social, parece que se está em contradição com a realidade. De facto, de certa maneira, assim é, se tomarmos em conta o que se passa, por exemplo, com um dos aspectos mais importantes da vida: a escolha das profissões.

Sempre os pais gostaram, o que é muito natural, que os filhos tivessem, na vida, uma profissão bem remunerada e de destaque. «Começam sempre pelo sonho lindo, em que se antevê tudo côr de rosa: as mais brilhantes carreiras, os mais sedutores destinos, a mais desafogada, se não a mais opulenta existência, notoriedade, celebridade até... ¿Qual o pai, e principalmente, a mãe, que não tem alimentado, por muito ou pouco tempo, estes sonhos? Mas, à medida que os anos passam, deminuem as pretensões, porque a vida se vai encarregando dessa redução de aspirações. Por fim, aparece o problema em tôda a sua nudez e rudeza, que se formula no modo de vida, na profissão, que já se aceita modesta, contanto que garanta o ganha-pão e não faça dos filhos uma eterna carga para os pais.

« São inúmeros os dissabores, as dissensões

azedas, que, no seio das famílias, o modo de vida preferido dá ocasião. Avós, tias, pais, padrinhos que protegem, professores amigos da família, todos enfim, que se interessam pelo rapaz ou pela rapariga, dizem o que entendem. E o que cada um entende, é o seu gosto individual, as suas predilecções, as suas vaidades e só raramente o interesse do educando, isto é, as suas forças físicas e intelectuais, a sua vocação, os meios de que dispõe, etc. Como é raro que a escolha da carreira não caia numa que demanda recursos superiores àqueles de que dispõem os educadores, são sem número os dramas que se produzem na economia das famílias. Resultado tantas vezes observado: privações, canseiras, dívidas, humilhações, conflitos — há de tudo — para chegar, a maior parte das vezes, à desistência a meio ou a dois têrços do caminho, a que se segue a inevitável série de voltas em tórno de quantos possam contribuir para a colocação, seja no que fôr, daquele que, para nada servindo, precisa de um ordenado para fingir que merece bem o dinheiro que lhe dão, e não ser muito pesado aos outros. São aos milhares os valores perdidos desta espécie, gente improdutiva, pêso-morto a dificultar a vida colectiva, nada de útil dando em troca das utilidades que recebe.»

Mas onde o anseio pela categoria mais fortemente se manifesta, é na repugnância pelas profissões manuais. Ninguém, de profissão liberal, ou pertencente à esfera social correspondente,

imagina, por um só momento, que os seus filhos possam exercer uma profissão manual, aquilo a que vulgarmente se chama um officio. Se fôsse possível dar a um dêsses homens a certeza de que o filho seria um magnífico carpinteiro, ganhando muito bem a sua vida, dignificando a própria profissão, ou a certeza de que seria um medíocre engenheiro, pouco ou nada ganhando com a sua profissão, resignando-se a lançar mão de qualquer trabalho ou emprêgo mal remunerado, mas carácter liberal, êle não hesitaria: iria pelo segundo caminho. Por muito que se diga contra esta afirmação, classificando-a de falsa ou exagerada, a vida de todos os dias, às centenas, aos milhares de exemplos, nos diz que ella é verdadeira.

Por outro lado, os indivíduos de profissões manuais fazem tudo o que lhes é possível para livrar filhos e filhas do trabalho manual, e dar-lhes, à custa de mil sacrificios, a carreira liberal, por mais modesta que seja. O que é preciso é que o rapaz ou rapariga se livrem do officio. É fácil imaginar a soma de desilusões, de desgostos e desastres que esta aspiração produz, sabendo-se que o número de trabalhadores manuais tem de ser, necessariamente, muito superior ao dos liberais. Entra-se, assim, num conflito que se agrava de ano para ano, entre as aspirações e as possibilidades, porque ninguém se dispõe a abandonar voluntariamente a aspiração, por mais desilusões desastrosas que apareçam.

Creio bem todavia que labora em êrro, quem considerar o preconceito de categoria como a única ou principal causa dêste fenómeno de relutância pelas profissões manuais. O que principalmente o produz é o desejo de assegurar o bem-estar económico, que anda muito mais ligado às profissões liberais. A-pesar-de tudo, dos exemplos numerosos de desequilíbrio na vida dos chamados intelectuais, a-pesar do proletariado intelectual aumentar constantemente, a verdade é que, em regra, os indivíduos das profissões liberais governam a vida em melhores condições económicas, às quais se junta uma série de vantagens, cujo conjunto forma isso a que se pode chamar a vida civilizada, polida, que atrai, irresistivelmente, um número cada vez maior de pessoas: uma certa alimentação, o vestuário, a moradia, a higiene, as diversões, etc.

À medida que se torna mais fácil a viagem, o contacto com as manifestações exteriores duma vida mais afinada ou requintada, alarga-se e intensifica-se a tendência para o abandôno das profissões manuais. Estas, por muito bem remuneradas que sejam, não se prestam, como as liberais, — pelas condições do seu trabalho — à existência mais afinada, mais apurada, mais envernizada, que se ambiciona.

Nas causas que impelem os homens para êste movimento ascensional, o mero preconceito de categoria desempenha um papel de pouca impor-

tância e quási limitado ao elemento feminino. Nos vários movimentos que observamos, que abalam, num ou noutro sentido, as condições de vida das classes sociais, e que tendem para a sua aproximação e confusão, o proletariado intelectual desempenha um dos principais papéis.

*

Tudo o que disse sôbre aquilo a que se pode chamar a psicologia das várias camadas sociais, em relação às condições económicas e modo de viver actuais, constitue uma preciosa contribuição para bem compreendermos a situação do que ainda se considera classes médias, a qual está intimamente ligada com a magna questão do proletariado intelectual.

O teórico do socialismo, Henri de Man, ocupa, do campo da doutrina socialista, um lugar incontestável de grande destaque. É um nome familiar para todos que se preocupam com as questões socialistas, e actualmente do domínio da política europeia, desde que se decidiu a fazer parte, com mais quatro membros do partido socialista, do actual govêrno belga, chefiado por Von Zeeland. Não é para aqui apreciar a significação dêste acto político de H. de Man, com o qual êle, no ponto de vista socialista, deve ter perdido muito mais do que ganhou. Considero apenas o doutrinário.

Como se sabe, o seu trabalho *Para além do*

Marxismo, colocou-o num campo especial da doutrina socialista, no qual, a tese do materialismo histórico, ou melhor, do determinismo económico é relegada para um plano muito secundário, perdendo a característica de base de toda a vida colectiva. Ao contrário do que afirmam os marxistas ortodoxos, não são as condições económicas que movem os indivíduos na luta pela conquista de melhorias na vida, pela realização dum estado social mais justo.

A causa principal de todo esse movimento de agitação política e económica, que é a vida do proletariado em luta com os seus adversários, não é de carácter económico, mas psicológico. É esta essencialmente, sem mais pormenores e aspectos, a tese de H. de Man, que, para o nosso caso, o caracteriza como doutrinário.

Num interessantíssimo estudo publicado em Julho de 1934, ocupa-se êle de uma questão que se prende com uma das mais famosas conclusões da doutrina marxista: a proletarização das classes médias (consequência inevitável da evolução da sociedade capitalista), e, por isso mesmo, com o problema do proletariado intelectual e seus destinos. Nas passagens que seguem, transcritas desse estudo, está contida a ideia que leva H. de Man a conclusões diferentes das dos marxistas, para a marcha do socialismo.

« Até agora, toda a estratégia socialista se baseava na hipótese de que aumenta o número de

proletários e diminuem o das classes médias. Esta hipótese correspondeu à realidade durante muito tempo. Mas actualmente não é assim. Num dado período da evolução dos países capitalistas, opera-se o fenómeno contrário: diminuem o número dos proletários e aumentam o das classes médias. Há anos que as estatísticas demonstram estes factos, principalmente nos países de maior e mais rápido progresso industrial: Estados-Unidos e Alemanha. Além disso, basta alguma reflexão, para se compreender como este fenómeno corresponde a causas inerentes ao desenvolvimento da técnica industrial e da economia capitalista.

.....

« Na evolução técnica que serve de base ao desenvolvimento industrial, há um momento, no qual o progresso do maquinismo deixa de provocar um aumento paralelo do número dos operários da indústria. Este momento, que difere, naturalmente, segundo os ramos da produção, aparece quando a máquina-ferramenta, que suplantou o operário, se acha, por sua vez, suplantada pela máquina automática. A máquina-ferramenta substituiu os artífices por operários de fábrica, e a máquina automática substitue os operários de fábrica por os sem-trabalho, por um lado, e por empregados do comércio de vária espécie, por outro. A consequência social deste fenómeno é que à fase de evolução capitalista a que poderemos chamar de industrialização, sucede a que po-

demos chamar de automatização. Em todos os países de evolução industrial adiantada, o número dos trabalhadores industriais aumenta em menores proporções do que o daqueles que, como os empregados do comércio, se consagram a um trabalho chamado intelectual, e exercem funções intermediárias, que os levam a considerar-se como formando parte de camadas médias entre o proletariado e a classe capitalista. »

.....

Exemplifica o que diz com a indústria dos automóveis :

« Ao passo que a produção em série e os outros processos de racionalização reduzem, cada vez mais, o número de operários em relação à quantidade de automóveis produzidos, centenas de milhares de pessoas encontram ocupação nas novas funções criadas pelo progresso técnico, fora do proletariado industrial: empregados em escritórios técnicos e comerciais, vendedores, agentes vários, empregados de garage, vendedores de gasolina e acessórios, etc., etc. Uma parte de toda esta gente, talvez a maioria, figura entre as classes médias. Trata-se, porém, de uma espécie de classe média inteiramente diferente da « pequena burguesia » do tempo dos nossos pais. Já não são, na sua maior parte, produtores independentes, mas essencialmente pessoas que exercem funções dependentes, porém intermédias. »

.....

De tãda esta evoluçãõ industrial e tãcnica resulta a existãncia duma classe mãdia dividida em duas: a velha — continuaçãõ da pequena burguesia do sãculo XIX — e a nova, formada por tãda a espãcie de proletãrios de profissões liberais. Depois de se referir à tese marxista da proletarizaçãõ crescente das classes mãdias, diz:

« Tudo isso equivale a supor que as classes mãdias vãõ adquirindo, cada vez mais, interesses idãnticos aos da classe operãria, pela simples aççãõ da sua queda dentro do proletariado. Estudando as recentes transformações produzidas na situaçãõ das classes mãdias, e a consequẽcia da importãncia preponderante que tãm adquirido as chamadas classes mãdias novas, pudemos verificar o grave erro originado por aquela tese. É indubitãvel que existe uma enorme tendẽcia das classes mãdias a proletarizarem-se. Esta tendẽcia, porãm, opera diferentemente do que sucedia há um sãculo, ainda que nãõ o queiram acreditar os que repetem fõrmulas jã caducadas. Esta proletarizaçãõ, em vez de se operar por marcha individual para o proletariado, aplica-se à situaçãõ social das camadas mãdias, no seu conjunto. Nãõ nos esqueçamos de que o que distingue as camadas mãdias novas das antigas, é que, em vez de serem compostas de produtores ou comerciantes independentes, os seus membros exercem, na sua maioria, funções assalariadas que os mantãem dependentes das fõrças capitalistas, representa-

das, quer pelos seus patrões, quer por sócios destes. »

.....

Mas, como a proletarização dessas classes médias se opera em conjunto, « os que as constituem reagem de maneira diferente de que o fariam os indivíduos caídos individualmente no proletariado, visto que, fundamentalmente, as camadas submetidas a essas tendências, não perdem, por isso, a sua coesão e consciência de classe. Pelo contrário, quanto mais ameaçadas se sentem no sentimento do seu próprio valor social, mais procuram consolidar a sua posição. É porque a coesão das classes não assenta apenas numa comunidade de interesses económicos. O que coloca as classes separadas umas das outras não são apenas os antagonismos de interesses, mas também sentimentos de superioridade ou de inferioridade, necessidade de prestígio, de categoria e consideração. Toda a sociedade dividida em classes contitue uma verdadeira hierarquia, cujas classificações correspondem a uma escala de valores sociais geralmente admitida.

« É preciso ter em conta tudo isto, para compreender como o modesto funcionário mais mal pago, o artista mais desditoso, o logista mais perto da ruína, se continuam considerando como membros duma classe superior ao proletariado, mesmo que ganhem muito menos do que a maioria dos operários industriais. Até, como regra geral, quanto

mais ameaçados se sentem os membros destas classes, de ter que compartilhar da sorte dos proletários, mais se aferram à ideia de que formam parte duma categoria superior.»

De tudo o que fica exposto e transcrito, podemos concluir o seguinte :

O proletariado intelectual, no seu conjunto, não se comporta, em face da sociedade capitalista, da mesma forma que o proletário intelectual, indivíduo isolado. Êste, ou cai, de facto, na massa proletária, confundindo-se com ela, ou, pela sua ideologia, irmana-se com o proletariado nas aspirações, e portanto na luta que êste trava, abraçando as doutrinas socialistas, em qualquer das suas modalidades. Mas esta queda dos intelectuais na massa proletária, não só não significa proletarização das classes médias, como pouco ou nada influe na fôrça do proletariado, à parte os casos excepcionais de alguns propagandistas ou dirigentes.

As classes médias novas, formadas pelos proletários de profissões liberais, longe de constituirem um elemento de auxílio para as reivindicações sociais do operariado, e, portanto, um perigo para a sociedade burguesa, são uma fôrça de resistência àquelas reivindicações, pela sua psicologia, que deriva das funções liberais que exercem. A primeira conclusão que devemos tirar, é que o proletariado intelectual, considerado no seu conjunto,

como classe média, nunca terá uma atitude revolucionária de carácter igualitário, tendo apenas de comum com o proletariado, a atitude de combate ao *capitalismo financeiro*, e mais nada. O papel que lhe está destinado, é de conservação social, pela resistência que oferece a sua constituição burguesa, por um lado, e por outro, de transformação, pelo combate, no qual se encontra com o proletariado, contra os potentados capitalistas. Em outros campos da vida colectiva, produz-se o fenómeno de aumentar, ainda que lentamente, o número dos intelectuais que ingressam, de facto, no proletariado, e dos que, por ideologia socialista, se irmanam com êle, nas suas aspirações e reivindicações. O papel dêstes últimos é manifesta e directamente transformador, confundindo o seu destino e acção com o dos militantes operários, e constituem a parte mínima do proletariado intelectual.

Em todo êste movimento, há um elemento muito poderoso, o mais poderoso de transformação social: é o progresso que se opera constantemente nas condições de trabalho dos homens. Pouco a pouco, mas sem parar, os homens vão produzindo, mais rapidamente e melhor, em todos os domínios da actividade. O trabalho torna-se cada vez menos penoso, menos rude, menos sujo. A relutância, cada vez maior, que certos trabalhos provocam, obriga a melhorar-lhes as condições, de maneira a serem executados com menos gasto de tempo, menos fadiga e mais limpamente. É

provável que haja sempre alguns trabalhos que, pelas suas más condições, sejam olhadas com antipatia, só os executando quem, de todo em todo, não possa fazer outra cousa. Mas, num futuro mais ou menos afastado, êles serão certamente reduzidos ao mínimo, se não desaparecerem por completo.

Não é a invenção que falta para se transformar o trabalho; o que falta é o seu aproveitamento em beneficio geral. Barateie-se ao máximo a energia electrica, e imediatamente as suas mil applicações, que são agora apanágios de raros, tornarão, por exemplo, o trabalho doméstico, um passatempo agradável, desaparecendo a serviçal de mãos rudes e attitude boçal, ou os serviços de hygiene urbana e rural, que poderão ser executados de mãos limpas e espinha direita. A mecânica, a electrecidade e a quimica farão assim desaparecer uma das causas mais fortes de separação entre os homens e do preconceito de classe, pela diminuição constante das mãos calosas e generalização das mãos finas.

É auxiliada pela melhora das condições de trabalho que mais facilmente se fará a interpenetração das classes sociais.

O papel dos que ingressam na massa proletária, sem preocupações ideológicas, consiste na influencia, como já vimos, que exercem, pela sua educação, no meio em que trabalham. É, por isso, um papel de desbaste, de afinação dos costumes, con-

tribuindo ainda que lentamente, para a aproximação e confusão das classes. Para este mesmo resultado, contribue, em direcção contrária, a ascensão dos manuais, cada vez em maior número, para as profissões liberais, adquirindo e espalhando em volta dos seus, o polido, o afinado da vida. São duas classes, dois mundos, que, não propositadamente nem colectivamente, mas individualmente e pela fôrça das circunstâncias, vão ao encontro um do outro, confundindo-se, perdendo as características próprias e formando, pouco a pouco, um novo aglomerado social.

É esse o destino do proletariado intelectual, que nada poderá deter, porque é a resultante inelutável da evolução económica, a que a vida colectiva está irresistivelmente submetida.

Cadernos da SEARA NOVA

Já publicados:

SECÇÃO DE ESTUDOS LITERÁRIOS

- Rail Brandão*, por CASTELO BRANCO CHAVES (2\$50).
Teixeira Gomes, por CASTELO BRANCO CHAVES (2\$50).
Da Obra de Vargas Villa, por FARIA GAYO... (3\$00).
Castilho, por CASTELO BRANCO CHAVES..... (3\$00).
Oliveira Martins, por G. LE GENTIL (3\$00).
«Plutos», por ARISTÓFANES, tradução e notas de
ALVARO LOBO VILELA (3\$00).
Teófilo Braga e o Nacionalismo, por CASTELO
BRANCO CHAVES..... (2\$50).

SECÇÃO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS E CIENTÍFICOS

- Galileu Galilei*, por BENTO DE JESUS CARAÇA (3\$00).

SECÇÃO DE TEXTOS FILOSÓFICOS

- Critone*, por PLATÃO, trad. AGOSTINHO DA SILVA (2\$50).

SECÇÃO DE ESTUDOS POLÍTICOS E SOCIAIS

- Eliseu Reclus*, por EMÍLIO COSTA (3\$00).
Democracia, por ANTÓNIO SÉRGIO (2\$50).
O destino do proletariado intelectual, por EMÍLIO
COSTA (2\$50).

SECÇÃO DE ESTUDOS ECONÓMICOS

- O comércio dos resinosos*, por M. AZEVEDO GOMES (2\$50)

SECÇÃO DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

- A política do idioma e as Universidades*, por RODRIGUES
LAPA (2\$50).

VÁRIA

- Glossas*, por AGOSTINHO DA SILVA, três opúsculos,
(1\$00, 1\$50, 1\$50).

POR ASSINATURA

6 números	12\$50
12 » 	22\$50